

Proponente: William Barbosa Gomes

Área da Psicologia: Psicologia Cognitiva

## **CONSCIÊNCIA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS E AS IMPLICAÇÕES PARA AS CIÊNCIAS COGNITIVAS**

Justificativa: A virada do século XX para o século XXI trouxe mudanças sem precedentes no desenvolvimento da psicologia como ciência. Avanços nas ciências cognitivas e nas neurociências, nos debates entre filosofia analítica e fenomenologia, e nas discussões continuadas e revistas sobre a relação mente-cérebro, vem estimulando o pensamento teórico e a renovação de métodos e modelos em pesquisa empírica. Em contraste com os movimentos sociais das três últimas décadas do XX, apresenta-se na atualidade possibilidades auspiciosas para a retomada das origens gnosiológicas da psicologia, o estudo da mente, sustentado por embasamento neurocognitivo e bioquímico nunca alcançado, e ainda pouco difundido entre nós. A consciência, primeiro objeto de investigação experimental, aparece como o grande exemplar de todas essas mudanças. Este Simpósio que, a critério desta Comissão Científica e da Diretoria desta Sociedade, propõe-se a ser uma homenagem ao querido Prof. Arno Engelmann, conferencista assíduo destas Reuniões Anuais e o maior estudioso da consciência entre nós. O ponto de partida do Simpósio é a psicologia da consciência de Wilhelm Wundt, quando o Prof. Saulo Araújo, um dos maiores estudiosos contemporâneos da teoria, analisará dois princípios teóricos fundamentais: o paralelismo psicofísico e a causalidade psíquica. O objetivo é mostrar como os dois princípios estão diretamente relacionados à solução que Wundt apresentou para o problema mente-cérebro no plano científico, incluindo aí os estudos empíricos sobre a consciência. Em seguida o conselheiro e ex-presidente da SBP Ederaldo Lopes fará um retrospecto histórico dos estudos da consciência no século XX, no contexto da revolução cognitiva, para indicar possibilidades e limites da psicologia cognitiva experimental no estudo da consciência. O argumento de Lopes é que a consciência funciona como um espaço de trabalho mental e que a experiência fenomenológica que acompanha a consciência proporciona diferentes níveis de representação. Nesse espaço de integração, as informações do ambiente se ligam às informações passadas, permitindo modelar o presente e planejar ações futuras. No entanto, a psicologia cognitiva experimental restringe-se a inferir processos conscientes/inconscientes a partir de estudos experimentais, mas não permite ir além dessas inferências. Por fim, o proponente deste Simpósio, Prof. William B. Gomes retomará o problema da experiência fenomenológica para demonstrar como a fenomenologia experimental, combinando dados de primeira e de terceira pessoa investiga o “qualia” (subjetividade da experiência) e a intencionalidade da consciência. As apresentações desse Simpósio, além de trazer dados de pesquisas empíricas e historiografia, repercutem capítulos do livro “Temas em Ciências Cognitivas” (organizado por Ederaldo Lopes e em lançamento por Sinopsys Editora de São Leopoldo –RS, incluindo capítulos de Araújo, e Gomes & Gauer). Estudos associados as apresentações são publicados por periódicos como *Phenomenology and Cognitive Sciences*, *Phenomenology and Cognition*; *Journal of Consciousness Studies*, *Theory and Psychology*, *History of Psychology*.

Coordenador: William Barbosa Gomes

**PRESENTAÇÃO OU REPRESENTAÇÃO: CONSTITUINTES FENOMENAIS DA INTENCIONALIDADE COGNITIVA.** William B. Gomes e Gustavo Gauer

(Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Avanços no estudo da consciência vêm propiciando debates promissores entre ciências cognitivas e fenomenologia. A ciência cognitiva é tributária de transformações conceituais e metodológicas da psicologia experimental, da neuroquímica, da filosofia, e da inteligência artificial para explicar as funções e desempenho da mente. Por sua vez, a fenomenologia é uma tradição filosófica firmemente estabelecida por Edmund Husserl (1859-1938) no início do século XX, voltada à descrição dos processos apreensivos e reflexivos da mente. Um importante indicador da aproximação entre ciências cognitivas e fenomenologia é a inclusão da perspectiva de primeira pessoa em estudos neurocognitivos e experimentais. O interesse de neurocientistas pela fenomenologia está associado a Francisco Varela (1946-2001), principalmente ao projeto de naturalização de fenomenologia e das aproximações com o budismo. No centro do debate entre a fenomenologia e as ciências cognitivas está a filosofia da mente que dispensa a intencionalidade fenomenal como recurso necessário às explicações dos processos reflexivos e das deliberações humanas, como exemplificam as publicações e conferências de Daniel Dennett. O problema central desta exposição volta-se à relação que o sujeito cognoscente estabelece com o objeto de sua atenção. As perguntas são clássicas: (i) O que é sujeito e o que é objeto nos atos conscientes? (ii) Os objetos presentam-se aos sujeitos ou os sujeitos re-presentam os objetos? (iii) Como estudiosos da fenomenologia e cientistas da cognição explicam a relação entre sujeito e objeto? As perguntas implicam em posições ontológicas (o que é a relação, qual a sua natureza) e epistemológicas (como conhecê-la e como estudá-la). Aqueles que assumem uma posição monista (naturalização da mente) tendem a se despreocupar das questões ontológicas, por entenderem que tais problemas já estão resolvidos. Por outro lado, herdeiros do idealismo subjetivista também desprezam a ontologia da relação sujeito-objeto, por entender que as duas instâncias são inseparáveis, indissolúveis e indiferenciadas, ou por reduzirem o mundo à subjetividade. A presente exposição assume, em concordância com a tradição fenomenológica, que a relação entre sujeito e objeto é caracterizada pela intenção, isto é, a focalização do sujeito para o objeto, uma ligação conhecida desde os pensadores medievais como intencionalidade, cujas origens conceituais procedem de Aristóteles. Ressaltam-se as contribuições de pesquisas recentes que sugerem novos rumos para a compreensão da teoria fenomenológica e para a condução de experimentos em psicologia, com a inclusão da perspectiva de primeira pessoa. Conclui-se que o retorno crítico ao estudo da intencionalidade e das articulações entre fenomenologia e ciências cognitivas, e entre psicologia e filosofia da mente, estão abrindo novas frentes para exploração científica e para atividades aplicadas. Neste início de século, nós estamos diante da renovação da ciência psicológica com as contribuições da neurocognição, na verdade um retorno às nossas origens, e à afirmação da gnosiologia (teoria do conhecimento) e da ética que a tradição fenomenológica nos ensinou.

CNPq

Palavras chaves: consciência, primeira pessoa, neurofenomenologia, neurocognição

P

COG

**CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COGNITIVA EXPERIMENTAL AO ESTUDO DA CONSCIÊNCIA.** Ederaldo José Lopes (Laboratório de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG).

Este trabalho objetiva apresentar um panorama dos principais estudos sobre processos conscientes/inconscientes a partir da psicologia cognitiva experimental (PCE). No final do século XIX e no começo do século XX, as ideias freudianas de processos inconscientes podem ter impedido o uso desses processos como tema de pesquisa na psicologia experimental. Nos Estados Unidos o tema da consciência foi banido do vocabulário psicológico pelo behaviorismo, de modo que no primeiro quarto do século XIX a consciência/inconsciência ficou fadada a um plano secundário. O cenário foi reavivado com a chegada das ciências cognitivas, na metade do século, donde o trabalho original de George A. Miller (“número mágico”) sobre as limitações da nossa capacidade cognitiva pode ser citado como marco no estudo da consciência, embora não fosse esse seu objetivo primeiro. Os trabalhos experimentais mostraram-se ferramentas fundamentais no estudo da consciência: As pesquisas de Marcel sobre “priming” semântico, os trabalhos de Shepard sobre rotação de imagens mentais e a distinção processamento automático x controlado, no campo da atenção, são os exemplos mais importantes na história da PCE, mas não se restringem a eles. Talvez o modelo de memória de trabalho (MT) de Baddeley e Hitch, formulado no começo da década de 1970, é o que tem uma relação mais estreita e profícua com o tema da consciência. Como um modelo que considera a mente como um espaço de trabalho que mantém e processa informação, a MT tem ajudado na compreensão de resultados importantes sobre o processamento da informação verbal (alça fonológica), visoespacial (rascunho visoespacial) e dos mecanismos atencionais (executivo central). Em diversos experimentos, os pesquisadores mostraram a capacidade de lidar com a informação primária e secundária (interferente) e de como mecanismos inconscientes ou pré-conscientes participam do processamento da informação, o que pode ser inferido a partir da principal medida na área, o tempo de reação (TR). O último componente do modelo (buffer episódico) permite integrar as informações “on line” à memória episódica ou autobiográfica, gerando um modelo parcimonioso de como lidar com a complexidade informacional e dos aspectos conscientes ou não numa dada situação experimental. A suposição fundamental é que a consciência funciona como um espaço de trabalho mental e que a experiência fenomenológica que acompanha a consciência proporciona diferentes níveis de representação. Nesse espaço de integração de informações, as informações do ambiente se ligam às informações passadas, permitindo modelar o presente e planejar ações futuras. Assim, pode-se dizer que a psicologia cognitiva experimental restringe-se a inferir processos conscientes/inconscientes a partir de estudos experimentais, mas não permite ir além dessas inferências. Problemas como os “qualia” e a intencionalidade requerem outros níveis de análise, obtidos, talvez, com outros métodos e teorias.

FAPEMIG

Palavras-chave: psicologia cognitiva experimental; consciência; memória de trabalho

P

COG

**PARALELISMO PSICOFÍSICO E CAUSALIDADE PSÍQUICA EM WILHELM WUNDT: UMA ESTRATÉGIA ANTI-REDUCIONISTA PARA O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA.** Saulo de Freitas Araujo (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG).

Wilhelm Wundt tem sido corretamente apontado na historiografia da psicologia como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da idéia de uma psicologia científica. No entanto, seu projeto psicológico tem sido amiúde tratado separadamente de seu sistema filosófico, gerando grandes equívocos e distorções na compreensão de seu pensamento. Como tenho procurado mostrar, a psicologia ocupa de fato um lugar importante na obra de Wundt, mas ela é apenas parte de um projeto filosófico muito maior, que visa à elaboração de uma nova visão de mundo (*Weltanschauung*) baseada no progresso das ciências empíricas. Considerada a partir dessa perspectiva, a psicologia wundtiana ganha seu sentido no interior de um projeto filosófico que a ultrapassa. A melhor forma de entender essa relação entre filosofia e psicologia no pensamento de Wundt é fornecer um exemplo concreto. Meu objetivo aqui é analisar dois princípios teóricos fundamentais da psicologia wundtiana – a saber, o paralelismo psicofísico e a causalidade psíquica – e mostrar como eles estão diretamente relacionados à solução que Wundt apresenta para o problema mente-cérebro no plano científico, incluindo aí os estudos empíricos sobre a consciência. O paralelismo psicofísico de Wundt assume dois sentidos diferentes – um empírico e um metafísico –, dependendo do contexto em que ele aparece. De um lado, ele serve apenas como princípio heurístico ou máxima metodológica para a investigação psicológica e se limita à esfera da experiência imediata; de outro, ele é parte integrante das especulações metafísicas de Wundt e extrapola aqueles limites. É somente no primeiro sentido que ele representa uma estratégia para a psicologia, já que, no segundo, ele adentra o plano metafísico, extrapolando, assim, a esfera da experiência. A primeira consequência que o princípio do paralelismo psicofísico traz para a psicologia de Wundt é a necessidade de se rejeitar o localizacionismo, tese segundo a qual é possível localizar os processos e atividades mentais em áreas específicas do cérebro. A segunda é que ele garante a autonomia da psicologia como campo de investigação científico. A noção de uma causalidade psicológica autônoma em relação à causalidade física é um complemento do princípio do paralelismo psicofísico. A partir daí, Wundt estabelece então que um evento psíquico só pode ser explicado por outro evento psíquico, e que é exatamente nisso que consiste a tarefa da psicologia. Wundt vai reconhecer, contudo, que esse princípio, mesmo carregando consigo uma dupla e irreduzível causalidade, aponta para a necessidade de uma cooperação entre as duas perspectivas. Isso acontece porque a cada uma das esferas fenomênicas escapam certos elementos, cujos paralelos estão dados na outra. A função primordial do paralelismo psicofísico e da causalidade psíquica é assegurar a autonomia epistemológica da psicologia, na medida em que afirmam a impossibilidade de redução dos fenômenos mentais aos estados e processos físicos ou fisiológicos. Com isto, as investigações sobre a consciência, embora possam ser combinadas com e complementadas por pesquisas neurofisiológicas, têm um nível próprio e irreduzível de significação, que se perde em qualquer tentativa de eliminá-la ou traduzi-la em termos de outras linguagens.

Palavras-chave: paralelismo psicofísico; causalidade psíquica; Wilhelm Wundt

P

COG